

OrquidaRIO na Primavera - 95 (em 4 atos)

1º Ato

Manhã clara, céu aberto e sol despontando em todo o seu esplendor, prenúncio de dia quente e abafado, tão típico do verão carioca, embora seja inverno. De todos os recantos deste Rio de Janeiro, um grupo de pessoas, jovens na sua maioria, dirige-se a um ponto, no Aterro do Flamengo: o MAM - Museu de Arte Moderna. As fisionomias estão tensas, concentradas, conscientes de que fazem parte de um todo e de que precisam realizar um grande trabalho. Ao se encontrarem no ponto combinado, seus olhos brilham, o sorriso nos lábios e o bom dia que trocam, demonstram a confiança de quem veio para vencer.

Longe, muito longe dali, outros grupos também estão fazendo a sua parte e, com certeza, partilhando da mesma expectativa. São os convidados.

2º Ato

Numa região privilegiada do Rio de Janeiro, entre o mar e o burburinho do centro da cidade, cercado por belíssimos gramados, tendo, ao fundo, o Pão de Açúcar e, à frente a Baía da Guanabara, encontra-se o palco de toda essa concentração: o MAM, um gigante de concreto armado onde o gênio de Reidy uniu linhas modernas e agressivas (quem sabe?), para realçar a natureza. Visto de longe, até parece pequeno, mas, de perto, a grandeza de suas dimensões chega a ser impressionante...e frio. Não discuto seu valor e imponência, mas não tem cor, nem vida, é concreto.

E foi, assim, que o primeiro grupo o encontrou, um imenso salão sem alma, imerso em luz difusa e silêncio tumular. Então, como que movidos por uma catapulta, iniciam a obra que a todos obsecava, preparar a chegada dos convidados.

Madeiras, papelões, fios, lâmpadas e panos iam criando forma, em meio a barulhos estranhos ao ambiente: serras, martelos e vozes em profusão.

Com um calor de 37º os membros daquele grupo se movimentam de um canto para outro, ajudando-se mutuamente. Quase nada precisava ser dito, não importava se o trabalho fosse leve ou pesado, limpo ou sujo, perto ou longe; o que importava era participar. Não se ouvia uma queixa, um grito que fosse. Somente corpos suados e exaustos, mas alegres e confiantes. É muito calor humano.

3º Ato

De repente, o grande salão havia mudado. Em seu interior, estranhas formas retilíneas cortavam-no como rendas e a luminosidade era intensa. Parecia um grande berço esperando seu bebê. E ele chegou e eram milhares, literalmente trazidas nos braços dos convidados. Neste momento, Babel poderia ser comparada a um convento, tal a movimentação e aparente confusão em seu interior. Os grupos se cruzavam de um lado para outro. Uns agachavam, outros levantavam, gesticulavam, carregavam caixas, objetos, plantas, galhos, troncos, torres, cercas... e as flores! Dezenas, centenas, lentamente iam tomando lugar no espaço. Corpos suados e mãos hábeis iam dando vida ao projeto de cada criador.

Aquela Babel ou o mar revoltado de antes se acalma e lindas telas multicoloridas começam a ser delineadas. Não telas planas, mas tridimensionais, perfumadas e maravilhosamente lindas!

4º Ato

O grande momento chegou. A Galeria, formada por telas vivas, estava montada. Aos olhos dos artistas estava perfeito, mas o grande público é que seria o juiz e daria o veredito final.

Como um pequeno riacho que nasce ao pé da serra, o público foi chegando, tímido. A cada minuto, novos afluentes se juntavam e o caudal foi engrossando até se tornar um rio imenso, um turbilhão efervescente e grandioso: era o povo carioca participando e vivendo a OrquidaRIO na Primavera - 95.

Aquele salão frio de concreto estava agora pleno de beleza, cores, luz e perfume. Houve momentos em que os espaços estavam tomados de tal forma, que mal se podia circular, mas não se ouvia uma só palavra que não fosse de encanto. Palavras ditas suavemente, em sussurros entre amigos e desconhecidos.

E, aí, alguém me disse, não ao acaso, não num sussurro, mas de forma deliberadamente alta e clara: "VOCÊS SÃO A ÚLTIMA GOTA DE ÁGUA CRISTALINA QUE EXISTE. OS OUTROS FALAM, VOCÊS MOSTRAM"

Isto bastou, valeu o esforço...Graças a Deus.

Hans Frank